

PERFIL DE USO DE AGROTÓXICOS EM LIMOEIRO -ALAGOAS

Helane Carine de Araújo Oliveira¹

Maxwel Costa de Amorim²

Aldenir Feitosa dos Santos³

Saúde, Segurança e Meio Ambiente

RESUMO

O tema Agrotóxicos é sempre atual e necessário pois o território brasileiro se destaca em uso desses químicos que são importantes no combate à pragas, doenças e ervas daninhas para manter a produtividade agrícola. O presente trabalho visa caracterizar o processo de produção agrícola e o perfil sociodemográfico de 53 pequenos agricultores do município Limoeiro em Alagoas através de entrevista semiestruturada. Constatou-se que 43,39% possui ensino fundamental incompleto e 22,64% não sabe ler. Quanto ao uso de Equipamento de Proteção Individual-EPI, 56,60% dos agricultores não faz uso no momento da preparação do produto e 47,17% não faz uso no momento da aplicação; 49,05% queima as embalagens de agrotóxico após uso, 13,20% joga no campo e apenas 16,98% faz a devolução das embalagens. Apesar de 60,37% afirmar ter recebido orientação sobre utilização, infelizmente foram observadas ações como descarte errado das embalagens e uso inadequado de EPI. Este comportamento pode ser relacionado a baixa escolaridade dos agricultores e a possível ineficiência da orientação que receberam, causando riscos à saúde e ao meio ambiente.

Palavras-chave: Práticas Agrícolas; Meio Ambiente; Homem.

INTRODUÇÃO

Atualmente, mais de 80% dos agricultores brasileiros utilizam agrotóxicos para combater pragas e doenças e com isso aumentar a produtividade, aumentando os riscos de danos ambientais e problemas com a saúde humana, uma vez que principalmente os agricultores ficam expostos aos agrotóxicos (PEDLOWSKI et al., 2012 apud BORSOI et al. 2014).

As consequências decorrentes da utilização dos agrotóxicos no meio rural são em geral condicionadas por fatores intrinsecamente relacionados, como por exemplo, o uso inadequado dessas substâncias, a pressão exercida pela indústria e comércio para sua utilização, a alta toxicidade de certos produtos, a ausência de informações sobre a saúde e a deficiência dos mecanismos de vigilância, que têm sido muito precárias (PERES et al., 2005 apud MARTINS et al., 2012).

¹Profª. do Instituto Federal de Alagoas - Campus Coruripe, Departamento Acadêmico, helanearaujo@hotmail.com

²Prof. do Centro Universitário Cesmac, Departamento Acadêmico, maxwel.amorim.ma@gmail.com

³Profª. do Centro Universitário Cesmac, Departamento Acadêmico, aldenirfeitosa@gmail.com

O crescente uso de agrotóxicos na produção agrícola e a consequente presença de resíduos muitas vezes acima dos níveis autorizados nos alimentos têm sido alvos de preocupação no âmbito da saúde pública, exigindo, das diversas esferas de governo, a implementação de ações de controle do uso de agrotóxicos (ANVISA, 2014).

O Estado de Alagoas não é diferente dos demais quanto ao uso abusivo ou inadequado de agrotóxicos, portanto é imprescindível a realização de pesquisas sobre os impactos socioambientais causados pelo manejo inadequado desses produtos. Objetiva-se com esse trabalho caracterizar o processo de produção agrícola e o perfil sociodemográfico de pequenos produtores do Município de Limoeiro – Alagoas.

METODOLOGIA

Para o recrutamento dos sujeitos e aquisição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os agricultores em exercício de suas atividades, credenciados na associação de agricultores do município de Limoeiro - Alagoas, foram convidados a participar da pesquisa após a apresentação do projeto. Os interessados em participar da pesquisa, tomaram ciência do conteúdo presente no TCLE e assinaram duas vias do referido termo.

Dos agricultores abordados, 53 pequenos proprietários rurais de Limoeiro participaram de uma entrevista semiestruturada, cujo questionário foi adaptado da metodologia de Magalhães (2010). O referido questionário foi estruturado nos seguintes eixos: dados pessoais, condições de vida e processo de produção agrícola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o resultado da entrevista, 81,13% dos agricultores são do sexo masculino e 18,86% do sexo feminino; 1,88% tem idade igual ou menor a 20 anos, 47,17% tem idade entre 20 e 40 anos, 37,73% com idade entre 40 e 60 anos e 13,20% tem idade acima de 60 anos.

Quanto à escolaridade, 43,39% possui o ensino fundamental incompleto, 1,88% possui ensino fundamental completo, 22,64% não sabe ler, 3,77% possuem ensino médio incompleto e apenas 18,86% possui ensino médio completo. O baixo nível de escolaridade dos entrevistados demonstra a vulnerabilidade destes indivíduos quanto à percepção de risco e

a compreensão das informações contidas nos rótulos das embalagens dos agrotóxicos (PREZA, 2011 apud SILVA, R.; SILVA, J.; SILVA, W., 2013).

Em relação à renda, 39,62% ganha até um salário mínimo, 32,07% ganha a partir de 1 até 2 salários, 9,43% ganha a partir de 2 até 3 salários e 18,86% não respondeu; 69,81% destina seus produtos agrícolas para venda e consumo, 26,41% apenas vende e 1,88% apenas consome.

No que diz respeito a utilização de agrotóxicos, 60,37% respondeu ter recebido orientação, 30,18% não recebeu e 9,43% não respondeu. Ainda no quesito orientação, relacionado à proteção dos agrotóxicos, 62,26% respondeu que já havia sido orientado. Em concordância com esses resultados, Simonetti et al., (2016) constatou que a maioria dos agricultores tem noção de conhecimento e grau de periculosidade sobre agrotóxicos mais mesmo assim não seguem todas as exigências recomendadas.

Sobre o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para o momento da preparação do produto, 56,60% não faz uso e 33,96% usa. No momento da aplicação do agrotóxico, 47,17% não faz uso de EPI, 41,51% utiliza e 11,32% não respondeu.

Os agricultores que afirmaram usar EPI, indicaram o maior uso para botas, luvas e máscara, ou seja, não usavam os EPIs completos, aumentando assim os riscos de contaminação (Tabela 01).

Tabela 01. Equipamento de Proteção Individual (EPI)

EPI	N	Frequência Relativa (%)
Botas	22	22,91
Luvas	18	18,75
Máscaras	14	14,58
Chapéu	11	11,45
Capa	5	5,20
Boné árabe	2	2,08
Viseira	2	2,08
Óculos	1	1,04
Máscara com filtro de carvão	1	1,04
Não respondeu	22	22,91

Com relação a utilização de EPI, Silva et al (2013) relata resultado semelhante, mencionando que os horticultores interrogados consideraram como EPI apenas botas e luvas. Em estudo, Martins et al., (2012), relata que a razão alegada pelos agricultores para a não utilização dos EPI's se deu pela carência financeira, ausência de informação sobre a

importância da segurança diante o manuseio com esses agentes químicos, e em outras circunstâncias tratou-se de um comportamento voluntário de desleixo dos agricultores ao cumprimento das normas de segurança previstas nos rótulos e normativos.

Com relação à frequência de aplicação de agrotóxicos, os agricultores relataram aplicar semanalmente (43,38%), ficando a aplicação mensal em segundo lugar (11,32%). A exposição semanal aos agrotóxicos também foi observada no estudo realizado por Leão et al., (2018).

Sobre a tríplex lavagem, técnica que deve ser feita na embalagem após término do agrotóxico, apenas 5,66% faz uso dessa técnica, 9,44% não faz, 1,88% respondeu não saber e 83,02% não respondeu. Sabe-se da importância da tríplex lavagem por questões de segurança sendo uma técnica indispensável, de acordo com a Lei dos Agrotóxicos, Lei nº 7.802 (1989) e com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR13968 (1997).

No que se refere ao descarte das embalagens de agrotóxicos, a maioria queima (Tabela 02), apesar da Lei dos Agrotóxicos, Lei nº 7.802, estar em vigor no Brasil desde 1989, que relata a responsabilidade por parte do usuário de fazer a devolução das embalagens. Essas e outras recomendações encontram-se presentes na bula ou folheto complementar na embalagem dos agrotóxicos. É de extrema importância que todas as informações sejam respeitadas e atendidas.

Tabela 02. Destino das embalagens de agrotóxicos

Destino das embalagens	N	Frequência Relativa (%)
Queima	26	49,05
Joga no campo	7	13,20
Devolve para o vendedor	9	16,98
Armazena	4	7,54
Coloca para o carro do lixo	2	3,76
Reaproveita	1	1,88
Não respondeu	4	7,54

CONCLUSÕES

Considerando os resultados obtidos, percebe-se que a negligência dos agricultores em relação às boas práticas e manejo correto dos agrotóxicos pode estar relacionada a baixa escolaridade dos agricultores e a possível ineficiência da orientação que receberam. Dessa

forma, é urgente a oferta de uma efetiva orientação técnica, de educação ambiental e até da educação formal para os agricultores rurais, principalmente para os pequenos e médios, que não possuem poder aquisitivo de contratar assistência técnica.

Também é de fundamental importância o acompanhamento e fiscalização de órgãos ambientais, agricultura e saúde, trabalhando principalmente de forma a prevenir contaminações, garantido assim a segurança à saúde humana, demais seres vivos e do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR13968 - Embalagem rígida vazia de agrotóxico - Procedimentos de lavagens. Rio de Janeiro, 1997.

ANVISA. **Programa de análise de resíduos de agrotóxicos em alimentos (PARA) relatório das análises de amostras monitoradas no período de 2013 a 2015**. Brasília, novembro de 2016.

BORSOI, Augustinho et al. Agrotóxicos: histórico, atualidades e meio ambiente. **Acta Iguazu**, Cascavel, v.3, n.1, p. 86-100, 2014.

BRASIL. Lei nº 7.802, de 11 de Julho de 1989. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1989.

LEÃO, Renata Spolti et al. Avaliação de saúde pública por exposição a agroquímicos: uma experiência com a agricultura familiar no noroeste do Rio de Janeiro. **Sustentabilidade em Debate**, v. 9, n. 1, p. 81-94, 2018.

MAGALHÃES, Maria Auxiliadora de Sá. **Exposição a agrotóxicos na atividade agrícola: um estudo de percepção de riscos à saúde dos trabalhadores rurais no distrito de pau de ferro-Salgueiro-Pe**. 2010. 144 f. Dissertação (Saúde pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, 2010.

MARTINS MyrellaKlesy Silva et al. Exposição ocupacional aos agrotóxicos: um estudo transversal. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 6-27, outubro de 2012.

SILVA, R. N.; SILVA, J. M.; SILVA, W. C. Horticultores e agrotóxicos: estudo de caso no município de Arapiraca (AL). **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, Aquidabã, v.4, n.1, p.56-68, 2013.

SIMONETTI, Ana Paula Morais Mourão et al. Conhecimento sobre Agrotóxicos no Meio Rural do Município de Nova Aurora–Paraná. **Revista Thêma et Scientia**, v. 6, n. 1, p. 261-271, 2016.